



O DISCURSO DESESTABILIZADO EM *ABRIL DESPEDAÇADO*

AMANDA LAÍS JACOBSEN DE OLIVEIRA (UFSM)

ANSELMO PERES ALÓS (UFSM)

JULIANA PRESTES DE OLIVEIRA (UFSM)

RESUMO: O cinema, assim como a literatura, como expressão cultural e social, pode destacar e produzir significados relevantes para o entendimento dos contextos nos quais se insere, ou nos quais é relido e interpretado. Nesse espaço se encontra o filme *Abril Despedaçado* (2001), de Walter Salles. Em cenas ambientadas no nordeste brasileiro, com uma fotografia bem constituída e sugestiva dos vários conceitos explorados no enredo, o texto cinematográfico referido trabalha com uma simbologia que revela as relações ideológicas instituídas em determinadas tradições e costumes. Nesse sentido, a Análise do Discurso, tratada aqui quase como uma ferramenta, pode-nos auxiliar na compreensão dos significados possibilitados por esse filme, ao tentar ler uma cultura específica de certa região considerada marginal, e, portanto, provavelmente, alheia à boa parte do restante da população. Por essa perspectiva, o intuito deste trabalho é observar o objeto fílmico como texto/discurso, para provocar a reflexão a respeito das ideias evocadas com base no enredo. Nosso objetivo é viabilizar um ensaio de espaço que estimule a (re)leitura, (re)escritura e (re)interpretação de territórios marginais, principalmente ao considerar a sua constituição por parte das ideologias dominantes mantidas e criadas por aqueles que são considerados como o centro cultural e social.

PALAVRAS-CHAVE: *Abril Despedaçado*. (Re)Leitura. Discurso.

ABSTRACT: Cinema, as well as Literature, as cultural and social expression, can emphasize and produce relevant meanings to understand the contexts into it is inserted or in those it is reread and interpreted. In this space is the movie *Abril Despedaçado* (2001), from Walter Salles. Through Brazilian northeast set scenes, and a well constituted photography, the mentioned cinematographic text works with a symbology that reveals the instituted ideological relations in specific traditions and costumes. In this sense, Discourse Analysis, here treated almost as a tool, could help us in comprehending the meanings made possible by this movie, in reading a specific culture of certain territory taken as on border and, therefore, probably foreign to a relevant part of the rest of the population. By this perspective, the motif of this work is to observe the filmic object as text/discourse, in order to give rise to reflection about the evoked ideas based on the plot. Our goal is to make feasible an essay of space that stimulates marginal territories' (re)reading, (re)writing and (re)interpreting, especially when considering its constitution by part of the dominant ideologies maintained and created by those who are considered as the cultural and social center.

KEYWORDS: *Abril Despedaçado*. (Re)Reading. Discourse

Em nosso dia-a-dia, somos expostos a uma quantidade exorbitante de discursos. Esses podem ser claros explícitos, mas ainda assim, sempre carregam silêncios e não-ditos. Para isso, é importante que saibamos nos portar devidamente diante do que lemos, ouvimos e



assistimos. A linguagem envolvida em todas essas atividades deve ser, assim, observada de maneira atenta e minuciosa, pois há muitas maneiras de significar através dela. Surge assim, talvez como ferramenta, a Análise do Discurso, concebendo o discurso, de acordo com Orlandi (1999), como a palavra em movimento, a prática de linguagem necessária para a mediação entre o homem e a realidade natural e social. E é essa mediação que torna possível a permanência, a continuidade, o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.

O filme *Abril Despeçado* (2001) é repleto de discursos ricos em significação. Toda a situação que sofre a família dos Breves pode evidenciar o discurso em funcionamento, uma vez que o tratado aqui é não somente as falas e os diálogos, como também toda a utilização das imagens e sons, entre outros recursos disponíveis no aparato cinematográfico. O objeto do discurso aqui é, então, não somente a briga pelas terras que acaba com a vida de vários membros das famílias Breves e Ferreira, mas também todas as situações em que estão envolvidas as vidas, principalmente da família Breves.

Primeiramente, o nome do lugar, Riacho das Almas, onde as famílias vivem e disputam as terras possui um significado relevante. Há mesmo o momento em que Menino encontra os dois artistas de circo (Clara e Salustiano), no qual os dois perguntam pelo nome do lugar. Quando o Menino o revela, Salustiano logo se espanta e questiona onde estaria o riacho. Ou seja, o seu interdiscurso (a sua memória discursiva) presume que, pelo nome do local, deveria haver um riacho ali. No entanto, o Menino responde que o riacho secou, e ficaram somente as almas. A partir disso, todo o interdiscurso é trazido novamente, pois ao sabermos que o riacho secou, já temos uma ideia de falta de vida, que é acrescentada ao termo “almas”. O que restou realmente não foi a vida de cada um, mas apenas as almas, o que pode representar a existência reles que se levava naquele espaço. Todas essas significações não estão claras tanto nas falas como no entendimento dos personagens; na verdade, elas fazem parte de uma memória já esquecida, adormecida e hibernante, mas ainda presente em seus discursos.



Riacho das Almas é praticamente “sem vida” provavelmente porque, como diz o Menino, na briga por terras, seu pai explicou que era “olho por olho, olho de um por olho de outro”. E, como ele próprio acrescenta, “olho de um por olho de outro, que acabou todo mundo ficando cego. E em terra de cego quem tem um olho é maluco”. Através desse enunciado, podemos perceber a força da ideologia e da alienação contida no discurso. As famílias estão de tal modo envolvidas naquela situação que, para elas, aquela é a única verdade. Como no momento em que o pai de Tonho, Inácio e Menino fala que não lhes restou nada, somente a honra. Dessa forma, eles deveriam manter a honra, através daquela tradição, essa era sua ideologia, que mantém também a sua alienação. Quando o Menino traz, em seu enunciado, a questão de “quem tem um olho é maluco”, talvez esteja demonstrando que, aqueles que não estão indiferentes diante daquela alienação, não são considerados normais, pois essa era a ideologia deles. Era o seu discurso verdade, mesmo que isso não fosse considerado do mesmo modo por parte das pessoas que não viviam ali. Assim, provavelmente, os que se utilizam do que Orlandi (1999) chama de *criatividade*, ou *polissemia*, (ou os que tem um olho, na metáfora utilizada por Menino) são considerados anormais, naquele meio. É importante ainda acrescentar que, em grande parte, as considerações e discussões aqui empreendidas têm origem nas reflexões empreendidas por Foucault quando esse discorre acerca de ideologia e discurso em sua *Arqueologia do Saber* (2008).

Na verdade, os vários momentos discursivos do filme podem ser observados de várias perspectivas, repletas de inúmeras significações. Por isso, devemos focar em alguns conceitos e situações para melhor discuti-las. Voltemos nossos olhos à representação da camisa ensanguentada no varal, que amarela com o passar dos dias. A ideologia daquela tradição é então enraizada, concretizada no costume mencionado, o qual as duas famílias devem respeitar rigorosamente. Para um observador externo, essa situação provavelmente seria absurda, uma vez que a sua verdade seria extremamente diferente daquelas. No entanto, para as famílias Breves e Ferreira, esse era o discurso verdade e a sua ideologia de que, assim, manteriam a sua honra. Esse discurso é tão tradicional que podemos notar, no momento em



que Tonho olha o retrato de seu irmão, que há muitos outros retratos de familiares que morreram do mesmo modo, em defesa da “honra” da família, mantendo a mesma ideologia. Do mesmo modo, há também vários retratos na casa da família Ferreira.

A partir disso, temos, inevitavelmente a alienação. Enquanto as famílias continuam nessa situação, nunca mudam a sua história. Mantêm-se sempre matando uns aos outros, sem pensar que essa situação poderia mudar. Como o menino diz, “a gente é que nem os boi, roda, roda e nunca sai do lugar”. É justamente o movimento circular dos bois, no moedor de cana, que ilustra essa alienação. Trata-se não somente do movimento dos bois, mas também da própria câmera que segue esse movimento, evidenciando a repetição e a alienação. Assim como o próprio trabalho da família Breves, que, através das cenas, é mostrado como monótono e repetitivo. Sempre feito do mesmo modo, automaticamente.

Enquanto a família se mantém nessa alienação, sustenta o sistema capitalista do país. Pode-se observar que, de todo aquele trabalho cansativo e repetitivo, o pai da família Breves vende o seu produto, ainda com um preço reduzido, o que, de acordo com o comprador, é consequência do mercado. Vemos então a forte influência do sistema capitalista na vida daquelas famílias. Dessa forma, enquanto elas não pensam melhor a sua situação, questionando-a, continuam alienados. Essa alienação e a ideologia anteriormente mencionada são mantidas pelo governo, pelas forças que estão no poder, ou, melhor designando, pela infraestrutura. Desse modo, a *superestrutura*, que é constituída pela cultura e pelos costumes daquela região, é alterada de acordo com as necessidades da *infraestrutura*. E é por esse motivo que os que estão no poder mantém a mencionada ideologia. Assim, através de seus aparelhos ideológicos e repressivos, o Estado mantém essa ideologia que lhe é conveniente.

É inevitável perceber então a dialética materialista, pois enquanto as duas famílias influenciam o meio em que vivem, o meio também as influencia. A situação em que se encontra a família Breves, por exemplo, contribui para que eles mantenham a ideologia de que apenas daquela forma poderão defender a sua honra. E, assim, a situação se mantém, sucessivamente. E a situação se mantém também porque há sempre a paráfrase do discurso do outro. Os filhos seguem, ao longo dos anos, repetindo os dizeres dos pais. Como o próprio



patriarca da família Ferreira diz, foi daquele modo que ele aprendeu com seu pai, e que esse aprendeu com seu avô. Isso também é trazido no filme através de imagens, como, por exemplo, os momentos em que o Menino está no balanço. A câmera é focada de tal modo que o movimento repetitivo causa uma sensação de desnorreamento. A paráfrase, ou então, a produtividade, é feita de tal modo que o discurso verdade das famílias é de que o último morto só descansará quando o seu sangue for cobrado, através da morte daquele que o assassinou. As famílias respeitam-se uma à outra, devida à tradição e a honra, mas, do mesmo modo, é essa mesma honra, e essa ideologia, que os faz cometer os assassinatos.

Outro importante ponto no discurso do filme são as relações de força e as relações imaginárias. As primeiras podem ser facilmente observadas na figura dos patriarcas das duas famílias. O que eles dizem é devidamente respeitado, pois que o lugar do qual falam é extremamente significativo. Eles devem ser respeitados por isso. E esse lugar se dá em função das forças imaginárias envolvidas, pois não é propriamente ele que é importante, mas sim a posição que o sujeito discursivo ocupa, diante da projeção que a sociedade tem dele. Essa imagem pode ser evidenciada nas cenas em que os membros da família Breves estão sentados à mesa. Eles se encontram sempre nos mesmos lugares, os quais estão dispostos de um certo modo que pode sugerir uma hierarquia. Além disso, as duas relações mencionadas podem ser observadas no momento em que Seu Breves fala com o comprador de sua rapadura. Mesmo querendo reivindicar uma quantidade maior de dinheiro por seu produto, lhe dirige a palavra com o que podemos chamar de uma certa inferioridade, mencionando inclusive que ele é “um senhor de respeito”, o que novamente mostra as forças imaginárias criadas, que acabam levando-nos às forças de poder.

Quando falamos em escolhas na enunciação, como as que são feitas nos trechos citados anteriormente, devemos lembrar a questão dos esquecimentos. Por exemplo, quando o Menino cita a sua mãe, mencionando que ela fala que “Deus não costuma mandar um fardo maior do que a gente pode carregar”. No seu discurso, percebemos o que Orlandi (1999) trata como esquecimento número dois, pois, ao falar, a mãe o faz de um jeito e não de outro, causando uma ilusão referencial. Na verdade, ela poderia ter escolhido outras palavras, mas



essa escolha mostra que, inconscientemente, há uma esperança em seu discurso. Há uma esperança do ponto de vista de que devem continuar com aquele trabalho, pois é o certo para eles, caso o contrário “Deus não haveria designado isso a eles”; é como um incentivo superior, divino, a manterem a sua jornada, sem desanimar. Nesse caso, pode-se identificar também um dos aparelhos ideológicos do estado, que é justamente a igreja. Como percebemos, essa crença da mãe contribui ao manter a ideologia e a alienação, sem questionar a sua situação. Desse modo, percebe-se que todos são afetados por essa situação. Ao mesmo tempo em que, quando Salustiano e Clara conversam sobre o assunto, ficam surpresos diante do costume local, pois, como mencionado anteriormente, o seu discurso verdade é outro. Apesar disso, eles também são afetados pela ideologia. Obviamente, não pelas mesmas, visto que são nômades. Por isso, quando menciona a “loucura” do povo daquele lugar, preferindo “acabar-se uns com os outros, do que acabar com a situação”, nota-se o esquecimento número um, pois fala como se fosse o primeiro a notar nisso naquele lugar. Mas, na verdade, o que faz é realmente parafrasear os discursos aos quais foi exposto durante a sua vida.

Contudo, há alguns momentos e personagens que podem realmente expressar a polissemia no discurso. Iniciando ao citar Tonho, que percebemos não se encaixar naquela situação a qual a sua família está tão profundamente ligada. Ele expressa a denominada criatividade por muitas vezes. Por exemplo, mesmo sabendo que o pai não vai aprovar, leva o Menino até o circo e além disso, desafia o pai quando esse o manda “calar a boca”. Também sai de casa para ir até Ventura com Clara e Salustiano, entre outras situações. Essa polissemia provinda de Tonho pode ser sugerida através de vários jogos visuais do filme, tal como a disposição das cores na tela: quando ele está com a família, prevalecem os tons marrons, amarelados e escuros, o que pode conter um significado de falta de vida (relacionando-se também ao nome Riacho das Almas, já anteriormente comentado); e quando está viajando com os dois artistas, há presença de uma diversidade de cores, o que pode significar então a presença de vida, de liberdade. Há também uma cena em que, na carruagem a caminho de Ventura, Tonho observa o céu azul através dos galhos das árvores. Os galhos entrelaçados



parecem causar uma sensação de aprisionamento, enquanto o céu, logo atrás desses, pode simbolizar a liberdade e a felicidade almejada por ele.

Clara, a artista de circo, também expressa a criatividade ao abandonar Salustiano, e seguir a sua vontade, mostrando também que queria influenciar Tonho com o ato. Como pode-se notar no momento em que encontra ele e arrebenta a fita preta em seu braço, que era a sua maior marca da morte. A polissemia, ou a criatividade pode ser observada a partir de Menino. Ao longo do filme, há várias indicações em seu discurso. Mesmo nos momentos em que questiona e discorda das enunciações dos pais, e naqueles em que pede ao irmão para não cometer os mesmos atos dos outros. Além disso, ele se expressa de uma maneira diferente em relação aos outros. Talvez mesmo por ser ainda uma criança. Quando ganha o livro de Clara, fica admirado e passa dias inventando histórias e imaginando situações. Também é ele que percebe certas situações, como o fato de os bois estarem rodando sozinhos.

Desse modo, os vários discursos polissêmicos desse personagem, que envolvem, conseqüentemente Tonho e Clara, são representados por diversas situações de ruptura no filme, que parecem se intensificar à medida que chega a seus minutos finais. Como, por exemplo, o momento em que os bois se recusam a continuar o trabalho de andar em círculos, o fato extremamente peculiar de chover (fato tal previsto já pelo Menino), ou o erro de Clara (mesmo sendo tão experiente) ao executar o espetáculo com fogo. Também, de extrema importância, é o momento em que o Menino empurra o irmão Tonho no balanço. É ele então que proporciona aquela sensação de liberdade – que pode se relacionar com o enunciado dele: “fazer ele voar” – ao irmão mais velho. Sensação que, entretanto, está atrelada ao movimento de repetição já mencionado anteriormente. Quando a corda se arrebenta, temos uma ruptura física, que pode trazer a significação da ruptura do processo de produção de linguagem, uma ruptura discursiva. Isso se intensifica com os risos tão inusitados provindos de todos os membros da família. Acrescenta-se também momentos tais como aqueles nos quais Tonho desafia o seu pai, levando o irmão ao circo, e dizendo que não vai “calar a boca”.

No entanto, a criatividade, principalmente de Menino, é sempre reprimida. Como observa-se nos momentos nos quais a mãe manda-o largar o livro, ou em que o pai o tira dele,



dizendo que tem de voltar ao trabalho. Assim como na ocasião na qual vão ao circo. Dessa forma, reprimindo a polissemia, mantém-se a ideologia e também a alienação, que fazem a superestrutura manter a infraestrutura.

Nota-se então, ao longo do filme, que discurso não existe sem sujeito, e que o sujeito não existe sem ideologia, o sujeito se torna indivíduo pela ideologia, e só assim a língua faz sentido (ORLANDI, 1999). Destarte, notamos como a subjetividade afeta os discursos e os enunciados. E tratando de subjetividade, devemos tratar também da objetividade. O que pode ser observado por exemplo, no momento em que o pai pensa que Tonho e o irmão, indo ao circo estão desrespeitando os mortos, principalmente o irmão mais velho, Inácio. Quando pede a Tonho respeito, e esse o responde, ele ordena que o filho “cale a boca”. Como esse não o faz, ele lhe bate com sua cinta. Nessa cena, nota-se então a objetivação da raiva do pai diante do desrespeito do filho, pois há toda uma relação de forças de poder também envolvidas. Mencionando novamente o pai, quando descobre que mataram o Menino no lugar de Tonho, objetiva a sua tristeza e o seu desespero pedindo ao filho que vá naquele momento mesmo cobrar a morte do irmão, sem dar trégua alguma à outra família. E ainda a mãe, objetiva o seu desespero ao chorar lamuriosamente e ao dizer para o marido que estava tudo acabado.

Desse modo, voltando-nos também a outros momentos finais do filme, pode-se lembrar que Menino gostava muito do mar e dos animais marinhos, provavelmente, não os conhecendo. Talvez isso recorra novamente à polissemia. Pois, se pensarmos que as brigas entre as famílias ocorriam em função das terras, faz sentido que Menino, em sua criatividade, gostasse mais do mar. Como ele mesmo diz: no mar ninguém briga, tem lugar para todo mundo, todo mundo é feliz. Novamente então, a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso podem nos trazer essa significação.

E, por fim, talvez as maiores representações de ruptura discursiva sejam dois importantes fatos do final da história. Primeiramente, a morte do Menino, que se colocou no lugar do irmão mais velho, permitindo que ele tentasse fugir daquela alienação e daquela ideologia. E, se olharmos com atenção, mais de uma vez, quando tomam a estrada que leva ao



vilarejo, é mostrada uma bifurcação, da qual eles seguem pelo caminho da esquerda. A câmera, contudo, é posicionada de tal forma, em todas as vezes, que a estrada da direita se mostra muito sugestiva, como se estivesse aguardando os sujeitos a atravessar, mas ao mesmo tempo, estando muito longe de seus motivos e necessidades, principalmente diante da alienação em que estão envolvidos. E, finalmente, após o irmão morrer, Tonho toma estrada, entrando no caminho da esquerda, o que representa então a ruptura principal do filme, pois ele tenta alterar a sua vida, não mais simplesmente aceitando aquela situação. Complementado ainda o final, ele se dirige ao mar. Justamente o lugar mencionado anteriormente, que poderia trazer todo um significado de libertação diante da ideologia e da alienação na disputa pelas terras.

REFERÊNCIAS

ABRIL DESPEDAÇADO. Direção: Walter Salles. Roteiro: Karim Aïnouz et al. Produção: Arthur Cohn e Carola Scotta. Intérpretes: Rodrigo Santoro, José Dumont, Rita Assemany et al. Brasil: Bac Filmes, 2001. 1 DVD (105 min), son., color.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.